



Um Manifesto para o Futuro

Descartem o Rótulo "Conservativo" para Chegar ao Sentido Verdadeiro e Alcançar os Fieis

Rabino David Wolpe

No início de Novembro, eu proferi uma palestra no *Jewish Theological Seminar*. O tema era "O Futuro do Judaísmo Conservativo". Preparei o discurso pedindo aos colegas, amigos e congregantes para definir Judaísmo Conservativo em uma sentença. Foi uma experiência desalentadora.

Algumas pessoas não tinham sequer resposta. Outras se atrapalharam nos parágrafos, sub-cláusulas e numa miríade de pontos e vírgulas. Pessoas sensíveis começaram a soar como compêndios.

Muitos de nós aprendemos que Judaísmo Conservativo é uma ideologia complexa (pelo menos nunca conseguimos uma explicação objetiva), ou simplesmente um movimento que se coloca no centro, entre a Reforma e a Ortodoxia. Um dos lemas clássicos iniciais do Judaísmo Conservativo foi "Tradição e Mudança," mas tradição e mudança é um paradoxo, não uma bandeira de fé.

O Judaísmo Conservativo está gritando por renovação e revitalização. Muitos dos grupos de oração e instituições de suporte espiritual e de sensibilidade social do país escolheram não se afiliar ao Movimento Conservativo. Ainda assim, são liderados por rabinas e rabinos ordenados pelo Movimento Conservativo e seus congregantes cresceram neste mesmo movimento.

Nas sinagogas que efetivamente se definem como Conservativas, os congregantes geralmente esperam uma observância *haláchica* de seus rabinos, mas não se sentem estimulados a seguir seus passos.

Ao abordar estes problemas e questões, algumas pessoas me devolveram a pergunta:

"Quem é você e no que acredita?"

Ao refletir sobre as crenças com as quais cresci e como desenvolvi a minha fé, eu percebo que a palavra "Conservativa" não é a que melhor define quem sou e no que acredito.

Eu sou um **judeu factual**.

O Judaísmo Factual é o Judaísmo das relações. Três relações guiam meu caminho, nosso caminho: o pacto no Sinai nos coloca em nossa relação com Deus, o pacto com Abraão em nossa relação com os outros judeus, e o pacto com Noé nos coloca na relação com toda a humanidade.

Primeiro Pacto: Relação com Deus

A relação judaica com Deus pode ser vista como uma amizade, uma parceria, embora obviamente de parceiros desiguais. No *Midrash*, Deus jura amizade a Abrão, é chamado de “amigo do mundo” (Hag.16a) e até cria amizades entre as pessoas (Pirke D’Rabbi Eliezer). A amizade é um aspecto da conexão humano-Divino.

A Torá fala de Deus como um pai, um amante, um mestre e um íntimo participante de nossos corações. Quando falamos de amizade ou de parceria, todas estas relações e muitas mais devem ser inferidas.

Os termos de qualquer amizade são determinados pela história: nós definimos nossas parcerias a partir nossas lembranças. Um amigo pode dizer uma simples palavra, “Colorado”, e o outro sabe que a palavra se refere a uma viagem empreendida conjuntamente 15 anos antes. No entanto, amizades vitais não habitam apenas no passado. Estão sempre criando novas lembranças, entrando em novas fases e enriquecendo o que já aconteceu.

Alguns judeus acreditam que tudo de importante na relação de Deus com Israel já foi dito. A Torá, o Talmude, os códigos de leis e os comentaristas clássicos já disseram todas as palavras essenciais, vitais. Nossa missão hoje é simplesmente preencher alguns vazios, mas, de resto, o trabalho já está feito. Somos os contabilistas de um tesouro já estabelecido no passado.

Esta não é uma compreensão pactual. É um Judaísmo congelado no tempo, como se todos os relógios tivessem parado no século XVIII.

Como contraponto, há aqueles que pensam que o passado é totalmente desprovido de peso, porque os tempos mudaram radicalmente. Esta é a amizade que tenta se recriar a cada dia, determinada pelas exigências do momento. Embora o passado seja reconhecido, ele é visto como algo a ser ultrapassado, algo que não deve ser cultivado nem integrado ao presente. Isto cria uma relação com resultados previsivelmente tênues e melancólicos.

O Judaísmo pactual acredita em uma parceria entre Deus e Israel. Quando acendemos velas de Shabat, Deus “sabe” o que queremos dizer – nós fazemos isto há milhares de anos. É parte da gramática do relacionamento. Nosso passado é a plataforma a partir da qual nos elevamos. O pacto do Sinai é a primeira palavra, aquela que reverbera.

Mesmo assim, ainda há muito que dizer. Não há motivo para que alguém tão sábio e importante quanto o Rambam (que viveu no século XII) não nasça amanhã. Esta pessoa pode incorporar os ensinamentos de Rambam e ir além deles. Não há motivo para que algo tão monumental quanto o Êxodo não aconteça no próximo ano – haja vista a criação do Estado de Israel.

A cada dia nós vibramos com a antecipação de algo novo e poderoso no horizonte. A cada noite, nós rezamos com a consciência de que o anseio das gerações santifica nossas palavras. Criamos novos rituais porque, hoje, não podemos apenas reverenciar o ontem, devemos buscar alcançar o amanhã.

A visão clássica judaica ensina “o declínio das gerações” – desde o Sinai, nós nos afastamos da revelação e nos colocamos, como consequência, em um nível inferior de santidade. Esta não é a compreensão pactual verdadeira. O pacto não desvanece ou enfraquece com o tempo. Nosso futuro é tão promissor quanto poderoso foi nosso passado.

Para o judeu actual, o dialogo entre o povo judeu e Deus se iniciou na Bíblia e continua hoje. Como Abraham Joshua Heschel colocou, a Bíblia é o registro da busca do ser humano por Deus e de Deus pelo ser humano.

Segundo Pacto: O Relacionamento entre Judeus

Todos os judeus estão envolvidos no pacto Abraâmico – não apenas aqueles judeus de quem gostamos ou aqueles que aprovamos, mas todos os judeus.

Os judeus sempre lutaram dentro de sua própria comunidade e, indubitavelmente, nós sempre iremos lutar. A devoção à Torá não nos liberta das limitações da natureza humana. Ainda assim, um judeu actual busca um diálogo ativo com os ortodoxos, reformistas, reconstrucionistas, como também com os judeus seculares. O pacto não depende de movimentos ou ideologias; é um pacto de uma história e um destino compartilhados.

A ênfase na responsabilidade dos judeus pelos outros judeus é desconfortável para muitos. Parece paroquial e mesquinha. No entanto, somos feitos para nos importar em círculos concêntricos: primeiro, a própria família. Em seguida, a comunidade e então, grupos maiores, ondulando para fora no mundo, sempre modificado pelo grau de necessidade. O Talmude ensina: *aniei irchá kodmim*, preocupe-se primeiro com os pobres de sua própria cidade.

O universalismo pálido não é um ideal, é um desastre. Muitos judeus me lembram a Sra. Jellyby, personagem de Charlens Dickens em "*Bleak House – A Casa Desolada*," que está sempre se ausentando para suas obras filantrópicas enquanto negligencia seus próprios filhos, dignos de pena, em casa.

Recordo-me quando lecionava no Hunter College, em New York, um estudante se aproximou e me perguntou: "Hoje haverá uma passeata anti-apartheid e uma passeata para os judeus soviéticos. Estou planejando comparecer à passeata anti-apartheid. O senhor pode me dar um bom motivo para ir à passeata pró judeus soviéticos?"

"Sim," eu respondi. "Se você comparecer à passeata anti-apartheid, quem irá à passeata pró judeus soviéticos?"

Há judeus que simplesmente evitam grandes parcelas do mundo judeu, porque não vão de encontro às suas expectativas. Tanto na direita quanto na esquerda, muitos simplesmente ignoram ou descartam o outro lado do espectro religioso ou político. Mas, seja democrata ou republicano, seja chassídico satmar ou secular, as afiliações não invalidam nem o pacto de Deus, nem nossos laços, uns com os outros.

Este sentido de responsabilidade judaica explica porque Solomon Schechter, o primeiro personagem de realce do Judaísmo Conservador Americano, era um sionista vigoroso. *Ahavat Israel*, o amor por Israel, não é um impulso emocional, mas uma responsabilidade actual. É por isso que o Judaísmo Actual é veemente a respeito da Terra de Israel e do povo Israel.

Os judeus actuais priorizam sua atenção para com os seus, mas nós não nos importamos exclusivamente com os nossos.

Terceiro Pacto: A Relação com o Mundo não-Judeu

O primeiro pacto não foi feito com o povo judeu. Deus enviou um arco-íris na época de Noé como um sinal para o mundo, para toda a humanidade. Noé viveu dez gerações antes do primeiro judeu.

O significado é evidente: nós temos responsabilidade para com os outros, independente da fé; nós temos uma relação pactual com o mundo não-judeu.

A primeira questão da Bíblia é uma pergunta que Deus faz a Adão – “*Aiecha*” – onde está você? Esta não é uma pergunta literal, mas sim espiritual, uma pergunta que Deus nos faz a cada momento em nossas vidas. A segunda pergunta na Bíblia é, de certo modo, uma resposta à primeira. A segunda questão é uma que os seres humanos fazem a Deus. Caim vira-se para Deus e pergunta: “Sou eu o guardião de meu irmão?”

Se você responder esta pergunta, saberá onde se encontra. Você se importa com os necessitados, aqueles que estão angustiados e sós?

O *Jewish World Watch* (Movimento de Vigília do Mundo Judaico) organizou nossa resposta para a calamidade de Dafur, no Sudão. Líderes judeus têm gritado ao mundo, atraindo atenção para o genocídio no Camboja e em Ruanda, e lutaram pelo reconhecimento do genocídio na Armênia. Estas ações e um sem número de outras causas e esforços semelhantes não são meras estratégicas e nem têm como objetivo refletir em crédito para nós. São sagradas obrigações judaicas. Os judeus que se interessam apenas pela comunidade judaica negligenciam o primeiro e mais abrangente pacto.

Infelizmente, muitas comunidades tradicionais judaicas parecem se preocupar pouco com o mundo não-judeu.

Os rabinos do Talmude enfatizam que a compaixão é característica do povo de Israel. O primeiro relato a respeito de seres humanos diz que cada um é feito à imagem de Deus. Comparações preconceituosas entre a valia dos judeus e dos outros não são apenas maléficas, mas também conflitam fundamentalmente com a tradição pactual.

Os judeus tanto recebem quanto doam para aqueles de fora da comunidade judaica. O Judaísmo Pactual é ávido por aprender sabedoria – não apenas prática, mas espiritual – do mundo não-judeu. O Judaísmo relata vários precedentes para ensinamentos religiosos de não-judeus, começando pela Bíblia. O mundo começa com Adão, não com Abraão. Noé, o primeiro homem chamado de íntegro, não é judeu.

O capítulo da Torá que contém os Dez Mandamentos chama-se “*Yitro*” (Jetro): este capítulo fundamental, contendo a revelação do Sinai, tem o nome de um não-judeu. A resposta tradicional quando alguém nos pergunta sobre nosso bem-estar, “*baruch haShem*” (louvado seja Deus), é mencionada apenas três vezes na Bíblia. Todas as três vezes é dita por um não-judeu: Noé (Gênesis 9:26), Eliezer (Gênesis 24:27) e Jetro (Êxodo 18:10). Portanto, mesmo quando louvamos a Deus, nós o fazemos com palavras que foram inicialmente ditas por pessoas de nossa comunidade que não foram educadas como judeus.

A lista poderia facilmente ser multiplicada no decorrer da história judaica: Maimônides aprendeu com o estudioso islâmico Averroes, a Cabala aprendeu com o misticismo sufista, Heschel aprendeu com Reinhold Niebuhr. Os judeus pactuals exultam neste intercâmbio, que não é ameaçado pelos *insights* dos outros, mas se enriquece com eles.

O Pacto e a Lei Judaica

O mandamento prioritário do Judaísmo Pactual é estar em relacionamento com o outro e com Deus. Quanto mais “discutimos” a *halachá*, mais plena e rica é a relação. Nossa fé não é uma lista de verificação e nem uma fórmula simples. É uma proclamação e um modelo.

Modificações na Lei Judaica para incluir as mulheres, desde a comemoração do *bat-mitzvá* até rituais para abortos espontâneos, assim como mudanças que permitam às

peças dirigidas até a sinagoga ou usar instrumentos nos serviços como nossos antepassados usavam, são elementos em uma compreensão pactual da tradição. Esta é uma tradição que não é rígida, mas reativa e aberta, não repetitiva, mas comprometida com o diálogo com o passado, com o outro e com Deus.

O diálogo com Deus não é um ato de *chutzpá*, uma convicção de igualdade. Mais exatamente, Deus nos dignifica ao nos escolher como parceiros no diálogo.

Abraão discute com Deus; Moisés se opõe ao decreto de Deus, e no decorrer da história judaica, na poesia medieval e na literatura moderna, os judeus insistem que Deus não quer marionetes ou robôs, mas seres humanos que tragam sua paixão, confusão e amor à missão de ser Israel, que em hebraico quer dizer lutar com Deus.

A autenticidade judaica não é medida pelo número de ações específicas que a pessoa realiza, mas pela qualidade dos relacionamentos expressos através dessas ações. Lembrem-se do que a Torá diz sobre Moisés: ao glorificar nosso maior líder, a Torá não cita que ele realizou mais *mitzvot* do que qualquer outra pessoa viva, nem que sua ética ultrapassava a de todos os outros. Relata-se que Moisés olhou Deus "*panim el panim*" face à face. O mérito de Moisés está no relacionamento inédito e singular que ele teve com Israel e com Deus.

O Pacto e o Futuro

Quando o pacto foi primeiramente apresentado a Noé, Deus promete não destruir o mundo. Nessa promessa há uma omissão assustadora: Deus não promete que nós não destruiremos o mundo.

Como ressalta Rabi Ioshua de Kutna, o arco-íris é um meio-círculo. Esta é a promessa de Deus para nós. A metade de Deus deve ser completada com nossas próprias cores entrelaçadas. As relações que construímos através da santidade, da compaixão e do amor são nosso arco-íris recíproco. Envolvendo todas as cores, abraçando nossa comunidade e além, ele nos ensina que no pacto reside o segredo da salvação.

O pacto é a espinha-dorsal do Judaísmo. Nenhuma idéia é mais importante do que o desenvolvimento da tradição. O Judaísmo Conservativo, conforme foi crescendo, adotou seriamente a idéia pactual, às vezes até mesmo sem reconhecê-la. É chegada a hora de reivindicá-la, de desenvolvê-la em modelos novos e poderosos, e de moldar uma vertente de Judaísmo que possa modificar a vida judaica pelo mundo afora.

O Judaísmo Conservativo continua a ser uma importante organização internacional judaica composta de sinagogas, escolas, acampamentos, grupos juvenis, organizações adultas e centros de treinamento para estudiosos e para o clero. Ao colocar o pacto no centro desta iniciativa mundial judaica, nós estaremos recompondo a empreitada de criar um Judaísmo que não fecha as portas: nem para o passado, nem para o futuro. Esta abertura e convicção são vitais para o futuro do povo judeu, uma nação pactuada, nascida da paixão pelo aperfeiçoamento deste mundo, sob o reinado de Deus. Esta é a hora para o Judaísmo Pactual.

David Wolpe é o rabino do Sinai Temple, em Westwood.